

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“As criminosas políticas públicas do governo, lançadas por Moro, vão naufragar”

(Reação do STM e dos advogados criminalistas”

Capitão vs. general

► Um confronto já se desenha entre o presidente da República e seu vice. Não faltam indícios de uma desavença latente

Não é mesmo, como parece, um simples jogo político combinado entre Jair Bolsonaro e Hamilton Mourão. Já se fala, mas não se sabe como e por que o conflito começou. O fato é que, neste curto tempo de governo, o presidente da República tem falado pouco e o vice-presidente, muito. Com discordâncias de um e de outro. Talvez haja uma data. A última vez na qual se falaram foi “durante as eleições”. É o que tem revelado Mourão em entrevistas abertas, seja para a mídia local, seja para a internacional.

Mourão carimbou a frase que ouviu de Bolsonaro, dirigida a ele: “Você não entende de política, então vai por mim que vai bem”.

Soa como um puxão de orelhas dado por um capitão a um general.

Não se sabe também de qualquer visita ou, ao menos, um telefonema de Mourão para o Hospital Albert Einstein, onde o presidente se recupera de uma operação. Explicação não há. Chame-se a isto de descortesia de superior ao subordinado que se tornou presidente. Ou será efeito da medição do valor de quatro estrelas no mundo civil?

O presidente sacrificou a saúde para voltar rapidamente a Brasília. Por esta razão foi isolado das visitas. Inclua-se o general. São poucos os vices que contiveram a vontade de trair. Esse ensinamento foi lançado por Tancredo Neves. Aprendeu na conspiração contra Getúlio Vargas, que, com seu suicídio, levou o vice Café Filho ao poder, sucessor aliado a Getúlio. Na sequência emergiu Aureliano Chaves, na ditadura. Rompeu cedo com o presidente João Figueiredo. O País saiu para uma dita redemocratização. Collor caiu e seu vice, Itamar Franco, ascendeu com posturas bem diferentes daquelas do antecessor.

Aqui, porém, não se trata disso. É curioso saber até onde irão Bolsonaro e o governo dele. Até 2022? Mourão coça a cabeça todas as manhãs em que, confinado no Palácio do Jaburu, onde mora e trabalha, pode sentir-se isolado. Além do mais, não há camaradagem entre o general e o séquito presidencial civil do presidente capitão. •



Mourão não perde o sorriso, mas parece isolado



Desta vez ele está certo

A Lei Pelé I

“Detesto o Pelé, mas ele tem razão quando diz que o povo não sabe votar”, diz Jair Bolsonaro.

Estava certo?

A Lei Bolsonaro II

Presidente da OAB do Rio de Janeiro pela segunda vez, o advogado Felipe Santa Cruz, certamente, não dará bom dia a Jair Bolsonaro, presidente da República.

É que Santa Cruz carrega uma marca insuperável desde a infância. O pai, Fernando de Santa Cruz Oliveira, desapareceu em 23 de março de 1974. Era militante do movimento Ação Popular.

Uma das referências patrióticas do atual presidente: “O erro da ditadura foi torturar e não matar”.

Às vezes matou.

Vida política

O advogado Jorge Serpa, morto recentemente, cumpriu variadas missões na vida. Uma delas foi a de ser *ghost-writer* de Roberto Marinho. Até ser demitido pelos filhos deste.

Serpa tinha um humor político agudo. É dele uma das frases dedicadas ao amigo e ex-banqueiro José Luiz de Magalhães Lins.

“É o ausente mais presente na política brasileira”, afirmava.

Magalhães Lins, hoje com 90 anos, tem a biografia pronta, mantida, porém, na gaveta.

O sorriso de Moro

Na reunião com os governadores, convocados para conhecer o plano do governo preparado para as mudanças nos códigos Penal e Eleitoral, o ministro da Justiça, Sérgio Moro, não conteve a ironia com os

parceiros políticos dispostos a aplaudi-lo. Ao começar a revelar os primeiros pontos do programa, guardados até então a sete chaves, Moro sorriu e disse “ninguém vazou”. A plateia de governadores acompanhou sorridente o sarcasmo do ministro.

Constatavam ali como ele agia, ainda como juiz, diante da fragilidade dos depoentes durante as audiências da Lava Jato, em Curitiba.

Voto de quartéis

Cresceu muito a bancada de deputados federais formada por militares. Talvez puxados pela campanha presidencial do capitão Jair Bolsonaro.

Os 5 minguados reeleitos em 2010 subiram para 22. Deles nasceram 10 do ventre do PSL, partido de Bolsonaro. Os paulistas, por sua vez, contribuíram com 6 deputados, colhidos em 12 outros estados.



O inquisidor sarcástico cada vez mais satisfeito consigo mesmo

Mina amarga

“O Rio? É doce.
A Vale? Amarga. (...)
Quantas toneladas
exportamos
De ferro?”

(Carlos Drummond
de Andrade, 1984)

mauriciodias@cartacapital.com.br